

O PROGRESSO VEM A BORDO? Navegação Fluvial e modernização em União/Pi (1889 a 1929)

JAYRA BARROS MEDEIROS*

CLÁUDIA CRISTINA DA SILVA FONTINELES*

A necessidade de transformação da natureza pelo homem pode ser percebida através da agricultura, da roda, da escrita e ainda pelas construções e organizações das cidades que desde as civilizações mais antigas, já demarcavam um espaço que se transformaria em modelo para o urbano atualmente. Para além dessa expressão estética e arquitetônica, as cidades carregadas também de emoções, sonhos e desejos, são um vasto campo de investigação para arquitetura, geografia e, também, para a história.

As questões que envolvem reflexões sobre o passado das cidades passaram a ter uma maior importância quando se presenciou uma grande alteração da vida urbana, no século XIX, com a tentativa de organização de centros urbanos como Londres e Paris, caracterizado pelo caos urbano favorecido pela Revolução Industrial. Na época, o interesse era pelas formas de ordenamento e funções das cidades.

Os conceitos e as questões metodológicas em torno da história das cidades foram sofrendo alterações, fato que se deve ao próprio percurso epistemológico das ciências humanas, abrindo caminho para uma “nova história do urbano” que, além de possibilitar um enfoque interdisciplinar, amplia os objetos de pesquisas e as teorias que organizam e ordenam a abundância das fontes.

Neste texto consideramos cidade como “um fenômeno que se revela pela percepção de emoções e sentimentos dados pelo *viver urbano* e também pela expressão de utopias, de esperanças, de desejos e medos, individuais e coletivos, que esse habitar em proximidade propicia”. (PESAVENTO, 2007, p. 17). Pensando a cidade como locus de percepções de emoções e sentimentos, podemos analisar o cotidiano dos unionenses, através das transformações materiais que permeavam a cidade de União entre 1889 e

* UFPI - Mestranda em história do Brasil pela Universidade Federal do Piauí

* UFPI - Professora Adjunta, UFPE - Doutora em História

1929 e a maneira como foram vividas e representadas pela população, principalmente em relação às idéias de progresso e modernização.

Para abordar o objeto de estudo aqui proposto, alguns pesquisadores são determinantes, como Maria Stella Bresciani (2002), que acredita que um estudo sobre as representações de cidade¹ pode ser abordado sob várias possibilidades. A pesquisadora apresenta a “porta de leitura”², na qual as representações se esgarçam e levantam o véu que encobre as fugidias subjetividades, por onde a cidade, enquanto construção textual configura uma “realidade” que ultrapassa as construções de tijolos.

No que se refere às representações, destacamos ainda, a abordagem de Roger Chartier, que aponta dois sentidos para o termo:

[...] em primeiro lugar a representação é percebida como uma coisa ausente, o que supõe uma distinção radical entre aquilo que representa e aquilo que é representado, em segundo lugar, a representação como exibição de uma presença, como apresentação pública de algo ou alguém (1992, p. 20).

Dessa forma, a coisa e o seu significado são regulados por convenções partilhadas que são construídas por diferentes grupos sociais, assim como, a exibição de regras morais através de imagens ou das propriedades das coisas naturais.

Nesse sentido, as múltiplas representações sobre o progresso e a modernização na cidade de União, nos anos de 1889 a 1929, podem ser analisadas através das práticas sociais e culturais vividas e construídas pelos seus habitantes, uma vez que, “[...] as representações coletivas mais elevadas só têm uma existência, isto é, só o são verdadeiramente a partir do momento em que comandam actos” (MAUSS *apud* CHARTIER, 1992, p.18)

¹ Em relação aos estudos sobre cidades destacamos ainda, a obra de Nicolau Servcenko, “Órfeu extático na metrópole” que ao estudar a modernização de São Paulo no início do século XX, propõe uma leitura da cultura e das práticas representativas da sociedade para o entendimento das várias formas de envolvimento da população com as rupturas causadas com as transformações da cidade em uma megalópole moderna. No Piauí, os estudos sobre cidades podem ser representados pela obra de Alcides Nascimento, “A cidade sobre o fogo: modernização e violência policial em Teresina”, que analisa a modernização na cidade de Teresina nos anos de 1937-1945 destacando como os governantes piauienses incorporaram a idéia do novo como sinônimo de modernização e voltaram as suas vistas para a cidade que concentrava as ações político-administrativas.

² Para Bresciani (2002), todas as cidades teriam sete portas de entrada. Da mesma forma que as portas “reais”, todas eram construções: umas de pedra, outras, as das pesquisas, construções intelectuais que buscam dar conta das várias facetas da vida urbana. As seis primeiras portas de estudo da cidade são construídas nas primeiras décadas do século XIX, num momento de intensa preocupação com o presente e futuro das cidades que se industrializavam. A última porta foi construída teoricamente em tempos na tentativa de dar conta da relação subjetiva que as pessoas têm com a cidade e com tudo o que ela contém – coisas, pessoas, memórias, etc.

Para os estudos sobre modernização destacamos que, “o turbilhão da vida moderna tem sido alimentado por muitas fontes [...] No século XX, os processos sociais que dão vida a esse turbilhão, mantendo-o num perpétuo estado de vir-a-ser, vem a chamar-se “modernização” (BERMAN, 1998, p.16). Para o referido autor, a modernidade, por sua vez, é uma “experiência vital” de tempo e de espaço que se constitui e modifica-se de acordo com as configurações históricas de cada período vivenciado. Portanto, são com as vivências de modernidade do século XX que o termo modernização ganha significado, já que as descobertas e as mudanças ocorridas, em parte, com a industrialização, proporcionam novos ambientes que ganham ressonância com os processos sociais do século XX.

Em nosso trabalho essas análises ganham consistência na medida em que procuramos identificar como esse turbilhão de idéias e coisas perpassaram a cidade de União nos anos de 1889 a 1929, pois, “o processo de modernização se expande a ponto de abarcar virtualmente o mundo todo [...]” (BERMAN, 1998, p.16). Em União, no final do século XIX e início do século XX, temos símbolos dessa modernização. A navegação a vapor, por exemplo, possibilita o comércio e a troca de idéias e representações com o território brasileiro e o exterior. Dessa forma, os vapores poderiam representar desenvolvimento, meio de levar a cidade a prosperidade e também sofrimento, perda e desolação. Ao analisarmos a história do Piauí vimos as dificuldades de instalação da navegação a vapor do rio Parnaíba, e ainda, da sua permanência.

Essas questões metodológicas e teóricas da história, associadas aos nossos interesses pessoais, levaram-nos a pesquisar a cidade de União/Pi (entre os anos de 1889 a 1929), que no ano da proclamação da república recebeu o título de cidade. Situada às margens do rio Parnaíba, era contemplada pelos barcos a vapor e botes que transportavam produtos e idéias de progresso vindas de outros estados brasileiros e do exterior para as cidades piauienses. Isso possibilitou o funcionamento de trinta e dois estabelecimentos comerciais registrados pela coletoria da Cidade de União, nos anos da referida pesquisa, entre casas comerciais, firmas e marcas. Destacamos a firma Francisco Narciso da Rocha³, que inicia suas atividades de exportação de maniçoba e

³ Em 1920, no livro de firmas, casas comerciais e marcas da cidade de União, Francisco Narciso Rocha, declarou como sócios seus irmãos José Narciso da Rocha e João Narciso da Rocha. É importante destacar que essa firma se estabelece em Parnaíba com a denominação de J. Narciso & Cia, com o endereço telegráfico zenarciso e na categoria de exportadores.

comércio de miudezas na Rua Riachuelo, em União, no ano de 1900; o comércio de fazenda e miudezas localizado na Praça Marechal Deodoro, que tinha como proprietário um cidadão sírio que se estabeleceu em União no ano de 1916; A Firma Cândida de Figueiredo Cunha, com comércio de produtos estrangeiros e nacionais, que também começou a funcionar no ano de 1916 na Rua das Flores; e ainda o comércio de produtos estrangeiros e nacionais de Ângelo Agnelo Franco de Sampaio, que iniciou suas atividades no ano de 1868.

As transformações materiais que permeavam a cidade de União ganharam ressonância com um telégrafo, que nos anos de 1889 a 1929, teve atividades intensas em União, e ainda, com a publicação de jornais diários⁴, pela instalação da fábrica ‘União’ com equipamentos vindos dos Estados Unidos da América, de propriedade do senhor Augusto Daniel, filho de Abraão Maria Daniel, francês que veio para o Piauí com Rolland Jacob, um dos maiores comerciantes e exportadores do Piauí na época e a instalação da energia elétrica no ano de 1929. Diante de tais fatos, nos perguntamos como os unionenses viviam e representavam essas transformações materiais nos anos de 1889 a 1929, principalmente em relação às idéias de progresso e modernização.

Presenteada com a maravilhosa brisa e beleza do rio Parnaíba, a cidade de União originou-se de uma fazenda denominada Estanhado, no século XVIII. Pertencia à próspera vila de Campo Maior/Pi, que a utilizava como porto, embarcando o que vendia e desembarcando o que comprava. A distância entre a vila e o porto era muito grande, cerca de vinte léguas e o transporte de mercadorias e produtos era feito em comboios ou tropa de animais. Era preciso haver um ponto de apoio e o local mais apropriado era próximo ao rio Parnaíba.

No início do século XIX o povoado já estava organizado e mantinha contato com os centros do Piauí e Maranhão através do porto, despertava a atenção das autoridades, inclusive a do presidente da província, Manoel de Sousa Martins, que propôs a elevação do Estanhado à categoria de vila. Segundo ele,

⁴ Os jornais unionenses no período estudado são, “‘*O grito*’, redação de Baurélio Mangabeira (1899); ‘*O unionense*’ em pequeno formato de propriedade de Job da Silva Coutinho. Redação de Benedito do Rego Filho e Genésio Fortes (1915); ‘*O vivim*’. Pequeno formato (1915); ‘*O Estanhado*’ órgão de interesses locais. Propriedade de Agnelo Sampaio. Redação de Segismundo Alencar e Artur Sóter (1916)”. (PINHEIRO, 1997, p. 241).

Esta povoação dista 20 léguas de Campo Maior, banhada pelo rio Parnaíba, circundada de matas suficientes para toda e qualquer lavoura, contém muitas feitorias, é muito fértil e promete para o futuro; ser uma das melhores províncias pelo seu comércio, população numerosa e mesmo riqueza (COSTA, 1974, p. 470).

De acordo com presidente da província, na época, o Estanhado apresentava condições vantajosas. No entanto, o povoado passou quase três décadas nesta condição político-administrativa. Foi no ano de 1853, pela lei de número 348 que foi criada a freguesia do Estanhado. Já a lei de 362, também de 1853, criou a Vila que trouxe a nova denominação de União para freguesia⁵.

Foi nesse período que a intenção de alguns políticos de integrar o Piauí ao mercado nacional e internacional com a exportação de produtos agrícolas era percebida de forma latente. Isto seria viável com o aproveitamento das águas e das margens do Parnaíba e de seus afluentes. Para tanto, era imprescindível romper o isolamento da província. A ação nesse sentido foi evidenciada com a transferência da Capital para Teresina, em 1852 e com a instalação da Navegação a vapor em 1853. É válido ressaltar que União foi uma das primeiras vilas a ser criada após a referida transferência e com o incentivo dado à introdução da navegação a vapor neste rio, tendo assim, contribuído para o movimento de mercadorias que permeavam as águas do Parnaíba, como demonstra os trechos a seguir,

[...] Se estende pelo Rio Parnaíba, passando pelos portos intermediários e mais notáveis – **Vila de União**, Cidade de Teresina, Vila de São Gonçalo, Vila de Jerumenha desta Província. Vila de passagem Franca do Maranhão – estende-se aos afluentes Longá, Canindé todos desta província; Balsas e Grajaú da província do Maranhão. Há também relações comerciais com a Vila de Tutóia, da província do Maranhão (O PROPAGADOR, 1859 *Apud* GANDARA, 2008, p. 182, *grifo nosso*).

Em 26 de dezembro de 1889 assumiu a função de governador do Piauí o Marechal Dr. Gregório Taumaturgo de Azevedo, que através do decreto número 1, do dia 28 de dezembro de 1889 elevou a vila de União, juntamente com Barras, Piracuruca e Campo Maior à categoria de cidade. As razões apresentadas no decreto para esta medida foi o considerável desenvolvimento do seu comércio, indústria e a aumento da população. A economia em União, nesse período, caracterizava-se predominantemente pela:

⁵ A razão que levou a substituição do nome Estanhado para União é geradora de polêmicas. Entre os unionenses há duas versões para essa substituição: uma defende a idéia que a escolha do nome foi feita pelo Barão de Gurguéia, que ajudou a fundar a cidade doando terras próximas ao rio Parnaíba para aquela localidade, em atenção à harmonia existente entre a população; a segunda remete à reunião de forças do governo durante a Balaiada, para o combate aos rebeldes.

[...] importação de mercadorias do estrangeiro e exportação de sola e algodão. Sendo este último artigo sua principal indústria, assim é que sua riqueza se constitui quase exclusivamente **na lavoura do algodão em grande escala**, cereais que ordinariamente são consumidos no mesmo município, e de criação de gado vacum, cavalariço, em pequena escala [...] **achando-se colocada a margem do rio, cuja navegação tem concorrido para grandes melhoramentos** [...] (UNIÃO/PI, 1889, *grifo nosso*).

Outra atividade comercial em torno do rio Parnaíba na referida cidade seria arrematação das passagens nos portos da cidade de União. Como percebemos com o trecho a seguir,

[...] arrematado por Thomaz Gonçalves da Silva = Passagens do porto desta vila [...], por Benjamin Marques da Fonseca = idem do porto de Santa Rita [...], por Antônio Marques de Carvalho = idem do porto de Melancias, por Benjamin Marques da Fonseca = porto de Curralinhos [...] deixaram de ser arrematadas, por falta de licitadores passagens do Porto de Miguel Alves, São Mamede [...] (UNIÃO/PI, 1889).

A arrematação e venda de passagens, assim como a quantidade de portos nos remete a pensar em fluxo de pessoas e de idéias que permeavam União no período em questão e que transportavam,

artigos do cotidiano das populações ribeirinhas, que tinham sua vida regulada e animada pela passagem dos vapores. [...] os passageiros que traziam e levavam novidades para os povoados mais longínquos – objetos e notícias, que despertavam a curiosidade de quem vivia longe da “civilização” e que alteravam o cotidiano das pessoas, fazendo-as imaginar uma vida diferente (NUNES; ABREU, 1995, p.98).

O telégrafo, também ajuda a entender a participação da referida cidade com o movimento de civilidade e urbanização que permeavam as cidades brasileiras, no período estudado, pois ajuda a perceber uma escala maior de comunicação entre as cidades do Piauí que, em 1903, possuía quatro ramais telegráficos, assim organizados,

[...] dois para o norte, um para o sul e outro para Maranhão e Estado. Dos dois do Norte o primeiro estende-se de Teresina a Campo Maior (cidade) Periperi (vila) e São Pedro da Ibiapina (vila na Ibiapaba); O outro vai a **União (cidade)**, Livramento (vila), Barras (cidade), Piracuruca (cidade), Parnahyba (cidade) e Amarração (vila) (NEVES; ROSA; PINHEIRO, 1902, p. 9 *grifo nosso*).

Outro símbolo de modernização e progresso seria a instalação da Usina Elétrica, como destaca um periódico da época, “[...] em 1929 foi instalada a usina elétrica: prédio, maquinaria, rede, motor de 40 HP, com rede respectiva, 144 portes de 40 velas. A luz é relativamente boa, funcionando a usina seis horas durante a noite” (O ESTADO, 1939, p. 32). O referido jornal lança um olhar exultante e comemorativo sobre o

processo de modernização por que passava a cidade de União, “[...] florescente, a margem do rio Parnaíba, e de vastas proporções” (O ESTADO, 1939, p. 32).

Já o jornal *O Estanhado*, ao publicar uma coletânea de poesias de João Eliziário em 1916, mostra-se totalmente descontente com as questões que envolvem o desenvolvimento e crescimento da cidade, como demonstra o trecho a seguir,

Três vezes instalada, e outras duas,
Sem motivo plausível, foi extinta,
Tenho entrado também nas falcatruas,
Da família real, sem que o presinta!
(1916, p. 21).

No ano de 1929 a usina elétrica de União foi inaugurada, o que foi comemorado como um gigantesco passo rumo à modernização e ao progresso, no entanto, como nos mostra o trecho supracitado, os unionenses já a desejavam em anos anteriores, demonstrando que o contato com as idéias e os produtos que chegavam à cidade, através da navegação a vapor, interferiram na vida material e no cotidiano dos seus habitantes, fazendo sentir-se à frente até de cidades como Oeiras, que só inaugurou sua energia elétrica em 1939 e mesmo sendo a primeira capital do Piauí, mantinha-se afastada dos centros comerciais nesse período.

É nesse contexto que nossas análises pretendem basear-se, sendo que nossas questões norteadoras são: como a navegação do rio Parnaíba interferiu no desenvolvimento da cidade de União nos anos de 1889 a 1929? Quais as ressonâncias em União do processo de modernização que permeavam as cidades brasileiras no período estudado? Como o processo de transformações materiais e culturais, do início do século XX, influenciou as mudanças no cotidiano da população de União no período compreendido entre 1889 e 1929? E como esse processo era sentido e representado pelos unionenses?

Com o intuito de sistematizar a história da cidade de União nos anos de 1889 a 1929, no que se refere às representações construídas e vividas sobre o progresso e a modernização, utilizamos como fontes, documentos originais que se encontram, no Arquivo Público do Estado do Piauí: correspondências dos intendentess unionenses para o governador do Piauí, na época referida, código de posturas do período estudado e um exemplar do jornal o *Estado* que divulga a cidade de União como “florescente e de vastas proporções”.

No que diz respeito às representações vividas e construídas na cidade de União sobre progresso e modernização analisamos a “Revista União por Dentro”, de autoria de João Eliziário, que contém poesias sobre o mercado, a intendência, o porto, o cemitério, dentre outros. Para tanto, levamos em consideração que a literatura nos fornece, “uma nova forma de pensar a história [...] remetem a possibilidade de utilização de diversos conjuntos de fontes, a diferentes categorias documentais até então pouco utilizadas [...]” (QUEIROZ, 2006, p. 83). Desta forma, as referidas poesias sobre a cidade de União nos anos 1889-1929 ganham conotações documentais. Além das fontes anteriormente apontadas se recorrerá a um levantamento bibliográfico que permitirá situar, o objeto no período e no espaço.

Através das análises expostas percebemos uma preocupação em projetar o desejo de modernização e a possibilidade da sua concretude, nos documentos do período. As poesias de José Eliziário, por exemplo, que ao apresentar seus anseios sobre a cidade de União nos leva a pensar na construção de memórias, ligadas a modernização. Já que, os angustias do autor não estavam pautadas apenas em transformações materiais como o Mercado Público, o Matadouro, A Iluminação pública, o Cemitério. Baseavam-se, também, em sentimentos e emoções que a pluralidade do viver urbano proporcionou aos unionenses, no período em questão.

Referências

BERMAN, Introdução: Modernidade ontem, hoje e amanhã. IN.: Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

BRESCIANI, Maria Stella. Cidade e História. In: OLIVEIRA, Lúcia Lippi (Org.). *Cidade: História e Desafio*. Rio de Janeiro: FGV, 2002. P. 16-35.

_____. As sete portas da cidade. In: *Espaço e Debates*, n. 34, Cidade e História, NERU, 1991.

COSTA, Francisco Augusto Pereira da. **Cronologia Histórica do Estado do Piauí: desde os tempos primitivos**. Rio de Janeiro. Arte Nova, 1974.

CHARTIER, Roger. **A história cultural** entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand, 1992.

ELIZIÁRIO, José. **Revista União por dentro**. Typographia paz: Teresina, 1916

GANDARA, Gercinair Silvério. **Rio Parnaíba...Cidades-beira**. UNB. Tese de doutorado, 2008.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias**. Revista Brasileira de História, vol. 27, n 53.

_____. **Muito além do espaço**: por uma história cultural do urbano. Estudos Históricos. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação do Brasil da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC), v. 8, n. 16, 1995

PINHEIRO FILHO, Celso. **História da imprensa no Piauí**. Zodíaco editora, Teresina, 1997.

NASCIMENTO, Alcides. **A cidade sobre o fogo**: modernização e violência policial em Teresina (1937-1945). Teresina: FCMC, 2002.

NEVES, Abdias; ROSA, Miguel; PINHEIRO, João. Almanak do Piauí. Typ. do Piauí. 1902.

NUNES, Maria Célis Portella; ABREU, Irlane Gonçalves de. Vilas e cidades do Piauí. IN.: SANTANA, Raimundo Nonato Monteiro. **Formação-Desenvolvimento-Perspectivas**. Teresina: Halley, 1995.

QUEIROZ, Teresinha. História e literatura. In.: **Do singular ao plural**. Recife: Bagaço, 2006.

SEVCENKO, Nicolau. **Órfeu extático na metrópole**: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 1920. São Paulo: Companhia das letras, 1992.

Um pouco sobre a cidade de União. **Jornal O Estado**. Teresina. p. 32.1939

UNIÃO/PI, **Correspondência endereçada ao Interventor Federal do Estado do Piauí de 1918**. Dispõe sobre o prédio da cadeia pública.

UNIÃO/PI, **Código de posturas da vila de União**. 1878

UNIÃO/PI, **Paço da comarca municipal da vila de União em sessão extraordinária de 28 de janeiro de 1889**.